

## **EVERSIONE CONSERVATRICE**

Frederico Tranfa

1 Uma das características desta época é o crescente desinteresse da sociedade pela arquitectura. Paradoxalmente, esta indiferença é inversamente proporcional ao processo de mediatização que a disciplina atravessa.

Assim, enquanto a arquitectura vê enfraquecer e desaparecer o seu território natural, o reconhecimento e a notoriedade dos seus autores aparece ligado à sua capacidade de transformação do projecto num acontecimento, fornecendo ao mercado a mais valia de uma marca reconhecível.

O profissional goza de atenção e respeito à medida do retorno económico que consegue gerar. Se este mecanismo funciona no circuito das grandes encomendas, com muitas limitações, isso tem, no entanto, uma consequência fatal para o sector da construção civil, cada vez mais limitado pela competição económica e pelo stress da competência artística.

O fenómeno, sem dúvida global, começa a ter algumas oposições esporádicas, mas os sinais de contrariedade são de fraca e incerta natureza.

Finda a época dos “slogan” e dos manifestos programáticos, no centro da prática profissional procura-se a “resistência”, momento que dificilmente se transforma em debate público.

Estou convencido de que o percurso de RBG representa bem o desencanto e a sucessiva orientação da própria actividade em relação a um âmbito que definirei como “ruptura conservadora”.

A novidade, o exercício intelectual e a investigação são notadas no trabalho de recomposição de um horizonte profissional que se desejaria mais profundo e autónomo.

O que transparece deste percurso é um desejo de simplificação, de radical essencialidade.

Um dos aspectos essenciais desta aproximação ao projecto diz respeito ao crescente interesse de RBG por técnicas construtivas e por componentes da construção menos estandardizadas.

Esta predilecção, que cresceu com a preferência pela idade mais madura e ecléctica do moderno, pode ser explicada com a nostalgia de uma época cultural em que existiu uma particular afinidade selectiva entre encomendas e profissionais.

Um dos ensinamentos que RBG parece tirar deste passado recente é o de que a adesão a um movimento (o moderno) nunca deve excluir a capacidade do arquitecto em articular o seu pensamento de forma autónoma e em verificar a sua eficácia através dos instrumentos da construção.

O entusiasmo por este conhecimento surge do desencanto e do distanciamento em relação a quem defende que a qualidade construtiva é garantia automática da qualidade do projecto.

Refira-se que esta não contrasta com a capacidade de operar num território alargado, num país onde as técnicas tradicionais foram substituídas pelos novos “emigrantes” e num contexto que perdeu a memória da própria arte.

É, talvez, partindo deste conhecimento lúcido, que se nota a actualidade da arquitectura de RBG, nunca limitada pelos recursos ou vínculos programáticos

porque, com a sua própria força, é capaz de suprir a fraqueza das condições de trabalho, as limitações dos recursos económicos e o anacronismo dos regulamentos de construção.

**2** Numa década a linguagem arquitectónica de RBG clarificou-se progressivamente até atingir a sua descarnada essencialidade. Especificidade que não prejudica, de modo algum, a qualidade e a sofisticação das soluções espaciais continuamente testadas e afinadas.

As duas casas de férias em Boliquiteime e Quelfes são uma clara demonstração deste propósito.

Na casa de Boliquiteime a construção é concebida como um bastião. A habitação, ancorada num terreno em declive, transforma-se em dique. Os volumes da casa são submetidos à coerência deste enunciado, o encadeamento dos ambientes faz referência às divisões de passagem das casas rurais, as aberturas são ritmadas e sóbrias.

Um plano horizontal facilita a circulação exterior e conduz à piscina que, como um maciço reservatório, se projecta em direcção ao mar, que se adivinha ao longe.

Os materiais utilizados na sua construção não manifestam nenhum desejo de actualidade: são rudes / ásperos, grosseiros e sobre eles a luz vibra de forma descontínua.

O resultado é uma construção intemporal, desconcertante na sua clareza, sem qualquer referência que a possa datar.

O projecto de Quelfes é, de certo modo, mais atraente, contém referências mais explícitas e no entanto é original.

A forma e o volume tornam-se substância, demonstrando que não há necessidade de mais nada para a compreender. Não creio que estas sensações se possam apenas revelar ao olhar do crítico.

A escala dos pequenos pátios cobertos e a sua intimidade representa uma qualidade partilhada por qualquer um, assim como uma independência dos ambientes conseguida sem penalizar a unidade do organismo construtivo.

Isto é o que qualquer um quererá da sua própria casa.

Gosto de imaginar a arquitectura de RBG como uma obra de reconciliação entre quem a habita e quem a projecta.

Não é uma meta pouco ambiciosa.

Cada vez mais, aquilo que deveria ser construído para envelhecer connosco é substituído por qualquer coisa perfeita mas efémera.

Ao luxo representado pelo espaço e pela luz contrapõe-se uma ideia neo-oitocentista de decoração como simples junção / aposição de objectos de valor. A encomenda deveria colocar a zeros o tempo necessário à arquitectura para ser pensada, elaborada e tornada realidade.

Tudo joga a favor de um projecto compreendido como colagem de componentes finitos, de adição brilhante de superfícies, mais do que uma lenta modelação de cheios e vazios.

Vence a forma sem substância, considerada, já agora, como um incómodo fundamento.

**3** Deveria ser claro a todos que a dimensão, entendida como grandeza, não é por si só sinónimo de qualidade. Menos o é em arquitectura, onde sem harmonia e

proporção não se criam os pressupostos nem para a mais simples das obras construída.

Nos seus projectos, RBG sempre demonstrou respeito pelas dimensões e proporções, sendo um exemplo sublime o apartamento na Lapa. O mesmo acontece no apartamento da Pena ou no escritório da Guerra Junqueiro, quase formando uma trilogia de arquitectura urbana de interiores com característica de uma nova “existenzminimum”.

Para jogar com as dimensões é necessária experiência e sem dúvida qualquer coisa mais que distinga a maturidade de um projectista porque diz directamente respeito à sua experiência de vida. Para projectar e prever a dimensão da arquitectura é necessário operar um conjunto complexo de regras empíricas e outras, doseando a percepção e a consistência.

Este processo de crescimento é aquele que se nos é dado, por exemplo, no projecto da residência da Embaixada de Portugal em Brasília. Aqui o jogo das dimensões torna-se complexo, a institucionalidade necessária cruza-se com o exotismo de uma maneira extrema, numa cidade que, não só é capital da Federação Brasileira, como o é da arquitectura moderna, convidando e aceitando o virtuosismo.

Numa primeira fase, nasceu como um contentor para um conjunto botânico no centro da cidade. O projecto da residência, nas suas sucessivas evoluções, transformou-se num contentor emblemático da variedade tipológica, que só a arquitectura moderna brasileira soube realizar.

Os dois projectos residenciais de Pousos e Casa Queimada, na variedade tipológica e de dimensão, merecem alguma reflexão importante.

Em Pousos, num terreno em declive, num pódio, emergem quatro volumes onde se divide a casa na sua parte visível. As funções e a variedade do habitar geram volumes independentes que se confrontam com a luz do Sol como numa aldeia. A reflexão sobre a escala da arquitectura poderia ser a seguinte: estamos perante uma casa enorme ou uma pequena aldeia?

Já nos esboços iniciais se percebe que na Casa Queimada, na Serra Algarvia, é a orografia que sustém a arquitectura das duas casas gémeas.

Afastadas o suficiente para serem diferentes, próximas o suficiente para criarem tensões entre si. A dimensão cresce, incluindo a paisagem, fazendo imaginar outras paragens habitadas, até ao infinito.